



## Crepúsculo: temas de um jovem Max Horkheimer<sup>1</sup>

Simone Fernandes\*

Resenha da obra: HORKHEIMER, Max. *Crepúsculo: Notas alemãs* (1926-1931). Tradução e apresentação de L. P. de Caux. São Paulo: Editora UNESP, 2022 [1926-1931].

**Resumo:** Esta resenha ressalta a importância da tradução da coletânea de aforismos *Crepúsculo* [*Dämmerung*], escritos entre 1926 e 1931, para promover a discussão sobre o pensamento de Max Horkheimer no Brasil. Neste conjunto de breves notas, reflexões sobre o cotidiano se unem a juízos sobre o pensamento filosófico e a política de seu tempo. Tendo publicado as notas apenas em 1934 e sob um pseudônimo, Horkheimer exhibe ali uma rara abertura sobre a sua concepção do marxismo, bem como espelha as contradições de seu tempo. Em face à infinidade de caminhos de leitura abertos devido ao caráter não sistemático destes aforismos, esta resenha aborda, de modo não exaustivo, alguns pontos de continuidade em relação aos seus ensaios publicados nos anos 1930, agrupando e aproximando a discussão sobre temas como a moral, a compaixão, a metafísica, a religião, entre outros.

**Palavras-chave:** Max Horkheimer; Teoria Crítica; Materialismo; Marxismo; Autoritarismo

---

<sup>1</sup> Financiamento com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP 2020/01051-1.

\* Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [simonebfernandes.usp@gmail.com](mailto:simonebfernandes.usp@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8825569284237009>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2121-3684>.

### **Dawn: themes from a young Max Horkheimer**

**Abstract:** This review emphasizes the importance of the translation of the collection of aphorisms *Crepúsculo* [*Dämmerung*], written between 1926 and 1931, in promoting discussion about Max Horkheimer's thought in Brazil. In this collection of brief notes, reflections on everyday life are combined with judgements on the philosophical thought and politics. Publishing the notes only in 1934 and under a pseudonym, Horkheimer displays a rare openness about his conception of Marxism and mirrors the contradictions of his time. Given the abundance of possible paths opened by the non-systematic nature of these aphorisms, this review addresses, in a non-exhaustive way, points of continuity in relation to his essays published in the 1930s, grouping and bringing together the discussion on themes such as morality, compassion, metaphysics, religion, among others.

**Keywords:** Max Horkheimer; Critical Theory; Materialism; Marxism; Authoritarianism

### **Crepúsculo: temas de un joven Max Horkheimer**

**Resumen:** Esta reseña destaca la importancia de la traducción de la colección de aforismos *Crepúsculo* [*Dämmerung*], escrita entre 1926 y 1931, para promover el debate sobre el pensamiento de Max Horkheimer en Brasil. En esta colección de breves notas, las reflexiones sobre la vida cotidiana se combinan con juicios sobre el pensamiento filosófico y la política de su época. Habiendo publicado las notas sólo en 1934 y bajo seudónimo, Horkheimer muestra una rara transparencia sobre su concepción del marxismo, además de reflejar las contradicciones de su época. Ante la infinidad de caminos de lectura abiertos por el carácter no sistemático de estos aforismos, esta reseña aborda, de manera no exhaustiva, algunos puntos de continuidad en relación con sus ensayos publicados en la década de 1930, agrupando y reuniendo la discusión sobre temas como la moral, la compasión, la metafísica, la religión, entre otros.

**Palabras clave:** Max Horkheimer; Teoría Crítica; Materialismo; Marxismo; Autoritarismo

Jogando luz sobre uma obra menos conhecida da obra de Max Horkheimer, a tradução da coletânea de aforismos *Dämmerung* tende a fomentar a discussão de aspectos menos explorados do seu pensamento e permitir um aprofundamento de sua gênese. Por isso, esta resenha trata brevemente da sua formulação e pretende abrir caminho a algumas aproximações com seus escritos dos anos 1930.

Pelo número de publicações, já se evidencia que os escritos do formulador da teoria crítica não foram tão divulgados aqui como a obra de Theodor W. Adorno, seu colega e colaborador. Ou de Walter Benjamin e de Herbert Marcuse. Na verdade, além de uma nova tradução de *Eclipse da razão*, também pela UNESP (2016), as suas obras mais importantes apresentadas em português são: “Teoria tradicional e teoria crítica”, texto programático de 1937 e traduzido na década de 1970, nos *Pensadores*; “A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas”, seu discurso de posse no Instituto de pesquisa social de 1931, pela revista *Praga* em 1999; e *Teoria crítica I: uma documentação* (1990), da editora Perspectiva, que reúne alguns ensaios publicados na revista do Instituto no decorrer dos anos 1930.<sup>2</sup> Enquanto pesquisadores e pesquisadoras entram em contato com o texto no original alemão e em traduções em outros idiomas, o público mais geral fica privado do conhecimento e do acesso à sua obra. Isso vale tanto para ensaios essenciais ainda não publicados aqui (a exemplo de “*Egoismus und Freiheitsbewegung - zur Anthropologie des bürgerlichen Zeitalters*”, de 1936-1937), como era o caso da coletânea recém-publicada.

---

<sup>2</sup> Outros ensaios de Horkheimer aqui publicados foram “Sobre a metafísica do tempo de Bergson” (1934), “Sobre a sociologia das relações de classe” (1943) e “O pensamento de Schopenhauer em relação à ciência e à religião” (1971). Cf. HORKHEIMER, Max. Sobre a metafísica do tempo de Bergson. Tradução de M. Chiarello. *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade*, v.6, 2000, pp.61-83; HORKHEIMER, Max. Sobre a sociologia das relações de classe. Tradução de S. Fernandes. *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade*, v.26, n.01, 2021, pp.141-161; HORKHEIMER, Max. O pensamento de Schopenhauer em relação à ciência e à religião. Tradução de F. C. Ramos. *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade*, v.12, 2008, pp.115-128.

Estes aforismos, publicados apenas em 1934, quando Horkheimer já se encontrava no exílio e sob um pseudônimo, foram incluídos em suas obras completas, havendo, ainda, uma publicação em alemão e algumas traduções, como é o caso das versões ao inglês, espanhol e francês. Tendo a edição brasileira se baseado no original em alemão, supre um espaço também por não padecer das mesmas deficiências de algumas destas versões, em que por vezes faltam alguns aforismos, ou há problemas de tradução.

Nesta coletânea, o aforismo é empregado como modo de transmissão de uma perspectiva baseada nas experiências individuais e do cotidiano. Horkheimer voltaria a elaborar notas do mesmo tipo entre 1950 e 1969, que seriam publicadas sob o título de *Notizen: 1950 bis 1969*. Também seu colaborador, Theodor Adorno, escreveu um conjunto de aforismos no período em que finalizavam as edições finais da *Dialética do esclarecimento* (1944-1947), publicando-as em 1951. Trata-se da mais conhecida obra *Minima Moralia*, que opõe à gaia ciência nietzscheana uma ciência melancólica. A própria *Dialética do esclarecimento* (1947), escrita em conjunto por Horkheimer e Adorno, é concluída com um conjunto de notas, mas de estilo um pouco distinto: representam sobretudo reflexões não incluídas nos capítulos e excursos da obra, mas que esclarecem alguns pontos ali tangenciados e estão relacionadas às suas teses.

Uma particularidade diferencia *Dämmerung* dos aforismos tardios de Horkheimer: ao passo que os *Notizen* tardios são divididos segundo um agrupamento de alguns anos, nestes aforismos não consta a informação de datas. É possível supor ao menos que tenham sido publicados na ordem de sua redação, já que aforismos que estão no meio da coletânea, como “A impotência da classe trabalhadora alemã” (p.109 desta edição) parecem já considerar dificuldades de práxis relativas a desenvolvimentos históricos ligados ao crescimento do nacional-socialismo. Além disso, “Indicações”, na página 129, faz referência ao presente como “anos 1930”. Por outro lado, nem todos os aforismos ao fim do livro descrevem um bloqueio da práxis. A questão permanece sem resposta, uma vez que a versão datilografada de 1934, que precedeu a sua primeira publicação, foi perdida, segundo

Gunzelin Schmid Noerr, editor das obras completas de Horkheimer (GS 11, p.262)

Nesta edição resenhada, os aforismos foram publicados precedidos de uma apresentação escrita pelo seu tradutor, de Caux, que elucida bem a imagem de um “crepúsculo” como signo de um contexto histórico em que as esperanças revolucionárias foram colocadas em xeque pela ascensão do nacional-socialismo ao poder na Alemanha. A “Apresentação” tem, entre outros méritos, o valor de comentar a influência do pensamento de Rosa Luxemburgo sobre o jovem Horkheimer, assim como destacar temas importantes de alguns de seus aforismos.

Esta resenha pretende destacar que, apesar de menos discutidos na pesquisa sobre Horkheimer, estes aforismos são de significativo interesse na compreensão da sua obra. Em primeiro lugar, por abrirem uma via de compreensão de suas reflexões no momento de aproximação com o Instituto de pesquisa social e posterior posse como diretor, oferecendo uma abertura para conhecermos o contexto político que orientou suas primeiras investigações. Formado já em 1923, o Instituto de pesquisa social se consolidara como espaço de pesquisa sobre o movimento operário. Após a renúncia de seu diretor Carl Grünberg em 1929, Friedrich Pollock, amigo próximo de Horkheimer, assume a direção interina e prepara o contexto para que Horkheimer viesse a assumir o cargo. Ele, que se tornara assistente na Universidade de Frankfurt em 1923 e começara a ministrar cursos sobre filosofia contemporânea em 1926, assume uma nova cátedra de “filosofia social” na universidade e inicia seus trabalhos em julho de 1930, tomando posse oficialmente em janeiro do ano seguinte. Os aforismos apresentam, ainda, uma rara declaração aberta de suas posições sobre a práxis marxista e sua visão dos partidos, sindicatos e possibilidades revolucionárias. Posições que desapareceriam em parte por uma autocensura e cuidado de Horkheimer com suas declarações uma vez investido no papel de diretor do Instituto, mas especialmente porque as vitórias do nacional-socialismo em 1933 e o exílio tornavam essas perspectivas envelhecidas, dizendo respeito a um mundo ultrapassado, segundo a sua qualificação em sua “Observação preliminar” (p.31).

Em vista da infinidade de possibilidades abertas pelo caráter não sistemático destes aforismos, além de uma breve apresentação da obra, esta resenha tem por objetivo de tratar, de modo não exaustivo, certos pontos de continuidade na obra de Horkheimer nos anos 1930, assim como agrupar alguns aforismos de tema compartilhado para orientar leitores e leitoras. Passemos, então, ao comentário de alguns aforismos.

Começemos pelas dúvidas de Horkheimer sobre os potenciais revolucionários da classe trabalhadora, o que faz com que encontremos nos aforismos exemplos de discussões sobre a práxis proletária, sobre a posição do intelectual e do burguês, mas também momentos de moderada reserva. Veja-se, entre outros, “Discussão sobre a revolução” e “Ceticismo e moral”. Vale destacar, no segundo, a posição de que o socialismo é “historicamente possível”, não devido a uma lógica imanente à história, mas pela ação direcionada pela teoria. Esta ação, no entanto, encontra muitos empecilhos, articulados de modo não sistemático ao longo dos aforismos. Eles são da ordem das sanções sutis, de um destoar desconfortável de comportamentos que não se adequem a uma convenção não declarada de uma “normalidade” da divisão entre classes sociais e do lugar de cada um na sociedade, do medo de perda de autonomia e do status, da reação dos outros como um modo controle e das ideologias promotoras da sujeição. “Um prêmio à vileza” e “Arranha-céu” desenvolvem de modo interessante algumas destas questões. Há, ainda, o reconhecimento dos sacrifícios e dificuldades na práxis e na atuação de organização dos trabalhadores, partidos e sindicatos, a sua resposta à acusação de ressentimento contra aqueles que almejam mudança social, entre outras questões.

O contexto de escrita dos aforismos conduz a contradições, observadas pelo próprio autor nas suas “Observações preliminares”, já que indicam sua visão orientada pelos eventos políticos de seu tempo. Nesse sentido, em “A impotência da classe trabalhadora alemã”, Horkheimer faz uma análise do decréscimo na solidariedade de interesse dos trabalhadores, divididos entre um grupo de desempregados e outros que obtiveram relativa segurança e percebem eventuais mudanças como perigosas. Em suas palavras, haveria uma “repartição engendrada pelo processo econômico

entre dois momentos revolucionários em distintas camadas consideráveis do proletariado, o momento do interesse imediato pelo socialismo e da consciência teórica clara” (p.112), expressa em dois partidos, o partido comunista e o partido socialista que se tornava reformista, assim como em adesões ao nacional-socialismo. Já se preconiza, assim, algo que seria característico da teoria crítica: a análise do contexto histórico em vista de seus potenciais emancipatórios, com as necessárias atualizações da teoria. Revela-se a atenção de Horkheimer às mudanças na sociedade capitalista e ao seu efeito sobre as consciências, que seria aprofundada em seguida nas investigações do Instituto sobre a passagem do capitalismo liberal à sua fase monopolista e, por fim, ao capitalismo de Estado ou ao Estado autoritário, na passagem dos anos 1930 aos anos 1940.

Em meio a essa análise, Horkheimer também se volta ao estatuto dos ideais iluministas e da religião. Ele observa, por exemplo, que um certo tipo de crítica à burguesia pode vir a apagar resíduos da sua fase revolucionária, tomando o termo “burguês” em sentido pejorativo, mas deixando de realizar uma crítica ao grande capital (“A luta contra o burguês”). Em “Categorias de sepultamento” e “Europa e o cristianismo”, identifica a leveza e o cinismo como meios de atacar os ideais iluministas e até mesmo os aspectos da religião que eram críticos e que estavam em contradição com a ordem existente. Já parece estar aqui a raiz daquilo que John Abromeit (2011) denomina uma “dialética da sociedade burguesa”, caracterizando a sua obra entre os anos 1920 e 1930. Ela envolve um juízo sobre a sociedade burguesa moderna que caracteriza as mudanças nos ideais, valores e conceitos filosóficos passando do contexto de uma burguesia ascendente e revolucionária para o seu estatuto como classe dominante que visa a defender os seus interesses. Assim, a crítica da religião e suas categorias mudam de sentido tanto da perspectiva do seu enunciador como do momento histórico.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Abromeit parece ter sido aquele que mais se atentou a estes aforismos, analisando-os sobre diversos aspectos (cf: Abromeit, 2011, p.141ss).

Como ilustração, em “Uma crítica diferente”, Horkheimer detecta que há uma diferença na crítica da religião do burguês e do proletário: de um lado, a crítica visa apenas a reafirmação do lucro como único valor; de outro, desvela o direcionamento de insatisfações de ordem terrena. Ele não deixa, no entanto, de ressaltar a violência da Igreja Católica, que é o seu principal ponto de debate quando se trata de religiões. Como exemplo da concepção de uma burguesia que teria se tornado imperialista, “Transformações da moral” trata de um processo de modificação da ideologia e descarte da moral.

Em seguida, observemos um aspecto fundamental desses escritos: a atenção de Horkheimer ao sofrimento de indivíduos concretos, ao cotidiano, a situações ilustrativas dos efeitos da dominação social sobre os sujeitos. Algumas imagens acionadas são: o estatuto dos sujeitos como mônadas isoladas e analogias com a vida na prisão. O autor se aproxima, nesse sentido, de uma concepção da sociedade reificada<sup>4</sup>. Olhando para o fato de que leis econômicas que não foram elaboradas pelos sujeitos vigem sobre a vida não só dos trabalhadores, mas também dos empresários, observa que o pensamento burguês, cego, “aceita esta realidade como algo sobre-humano” e “fetichiza o processo social” (p.94). A referência à necessidade de desvendar a origem destas leis e sua mutabilidade seria retomada no texto programático de 1937, “Teoria tradicional e teoria crítica”.

Esta atenção ao particular se observa no emprego de histórias breves para ilustrar, por exemplo, regras implícitas nas relações de classes e o cinismo que as permeia. Exemplo disso é o aforismo “Regras do jogo”, que parte da escolha de um destino de férias para explicitar a designação de um lugar na sociedade a cada um; assim como “O porteiro do hotel” e “Maus superiores”. No último, escreve: “quando as pessoas de classes distintas falam umas com as outras e apertam-se as mãos, é preciso se ter a impressão

---

<sup>4</sup> Durante uma pesquisa de iniciação científica sobre a recepção da filosofia nietzscheana, elaborei um estudo prévio destes aforismos, publicado na revista *Em Curso*. Cf. FERNANDES, Simone. Horkheimer e a análise da sociedade reificada nos aforismos de *Dämmerung*. *Em curso*, v. 2, 2015, 1-12 DOI: <http://dx.doi.org/10.4322/201511171357>



viva de que tudo está correto” (p.149). Horkheimer aponta para a fetichização das próprias relações de amizade e amor dos sujeitos como naturais e evidentes, ao passo que uma mudança de posição social pode revelar a real dureza da sociedade (pp.43-44). Oriundo de uma família burguesa e crítico da sociedade, ele se mostra nesses aforismos bastante consciente da sua posição de classe e das dificuldades inerentes a uma postura crítica à exploração.

Vale destacar os temas da moral, da compaixão e a crítica à metafísica nestes aforismos, que seriam abordados em ensaios como “Hegel e o problema da metafísica” (1932), “Materialismo e metafísica” (1933), “Materialismo e moral” (1933), “Sobre a metafísica do tempo de Bergson” (1934), “Da discussão do racionalismo na filosofia contemporânea” (1934). Nota-se que a divisão de classes sociais afetaria, segundo o autor, até mesmo a possibilidade da ação moral, sendo a moral globalmente vista como relativa e injusta e totalmente maleável da perspectiva da dominação de classe. Alguns exemplos de aforismos sobre a moral são “Caráter e ascensão social e “A liberdade da decisão moral”.

Quanto à compaixão, aqui se observa que a sua concepção do marxismo, para muito além do idealismo e da justificação de valores elevados, está ancorada na crítica do sofrimento. Veja-se, nesse sentido, o aforismo “O idealismo do revolucionário”. Como nota Patrizia Miggiano, que se dedicou ao estudo da influência de Schopenhauer sobre o jovem Horkheimer, motivos schopenhauerianos estão na base da sua aproximação com a teoria marxiana: “a dor, na forma da rejeição da ordem dominante, leva inevitavelmente à impossibilidade de uma inserção acrítica no mundo. Da crise à crítica, portanto, do sofrimento à ação, passando por uma evolução da própria postura no mundo” (Miggiano, 2017, p.98). Este percurso é ainda tematizado por comentadores como Alfred Schmidt, John Abromeit e, no Brasil, Mauricio Chiarello.

Assim, na nota “Monodologia”, situada logo no início da coletânea, detecta no sofrimento em comum o potencial para romper a separação e atomização dos sujeitos. Observa, por outro lado, os seus limites, tanto baseado em uma análise dos déficits da nossa capacidade de cognição (“O

país desconhecido...”), como em exemplos históricos da indiferença ao sofrimento alheio (“Possibilidades ilimitadas”). Reconhece, ainda, a desconfiança dos marxistas acerca de motivos morais, por considerarem que tomariam o lugar práxis (“Inversão de ideias”). Mas, sobretudo, afirma sua posição firme de que a mudança social diz respeito a indivíduos concretos, ao afirmar que o progresso seria uma tarefa histórica a ser realizada visando a eliminação da penúria material de uma maioria e ressaltando a necessidade de que seu sofrimento não seja visto como apenas mais um fato histórico (“O progresso”)

Vinculada a isto está a sua crítica à metafísica e ao ascetismo. A metafísica representaria um suposto conhecimento da “verdadeira essência das coisas”, mas que acabaria por dotar o mundo de sentido e por conduzir a uma justificação da relação de classes e à indiferença em relação ao sofrimento humano (aforismos “Metafísica”, “Contingência do mundo” e “O insondável”). Segundo o autor, o sofrimento humano não deve ser justificado, transfigurado ou aceito em nome de uma meta ideal ou da glorificação do existente. O aforismo “Arranha-céu” é o melhor exemplo da sua tematização do sofrimento humano e animal, acompanhado de comentários ácidos contra aqueles que se ocupam das essências e ignoram os sujeitos concretos. Esse posicionamento, que o coloca ao lado de Schopenhauer e contra Hegel (veja-se, por exemplo, “Hegel e o problema da metafísica”, de 1932), foi retomado em diversos contextos e analisado de diferentes perspectivas nos anos 1930. Isso vale tanto para a recusa de uma moral ascética, como para a crítica à redenção metafísica e ao irracionalismo filosófico, nos ensaios do período. Contemporâneo aos aforismos, *Anfänge der bürgerlichen Geschichtsphilosophie* (1930) reúne uma análise de expoentes do pensamento burguês, como Maquiavel, Hobbes, Vico, e contém uma crítica ao idealismo que toma como alvo o papel irrisório da morte individual no sistema hegeliano (GS 2, pp.179-268). Nos aforismos, fica evidente que o caminho proposto por Horkheimer é a práxis, a ação transformadora que permitiria sair do “jogo cego da natureza” (p.82), observação em que vemos o autor se referir a Schopenhauer com

distanciamento e explicitar o modo como alia a crítica do sofrimento ao marxismo.

Ainda em sua crítica ao ascetismo observamos, por um lado, uma posição contra um tipo de práxis marxista que glorificasse os sacrifícios em nome da revolução; de outro, a recusa ao estabelecimento de uma sociedade que considerasse o trabalho o valor máximo; e a declaração da inutilidade da renúncia (aforismos “Impotência da renúncia”, “Se alguém não quer trabalhar, que também não coma” e “A alegria de trabalhar”). Importa destacar que esta crítica visa uma tendência de seu tempo, vinculada ao autoritarismo. “Visão heroica de mundo” toca precisamente nesta ideia de sacrifício do indivíduo que seria crucial ao pensamento autoritário, tema que muito ocupou Horkheimer em seus ensaios dos anos 1930.

Do seu interesse pela psicanálise, expresso inicialmente no programa de pesquisas elaborado em conjunto com Erich Fromm, encontramos ainda alguns indícios nos aforismos. Juntamente com a supramencionada discussão sobre a exortação do sacrifício individual, esta abertura para a psicanálise aponta para os problemas da adaptação e do autoritarismo. Em “Limites da liberdade”, Horkheimer trata da existência de temas que são tabus para discussão, por terem um “papel quase insubstituível na economia psíquica dos indivíduos” (p.56): os conceitos fetichizados de pátria e da religião, que se tornariam, segundo ele, “um componente importante do aparato de poder da classe dominante” (p.56). Falta a essa análise, sem dúvida, uma compreensão destes mecanismos psíquicos, a ser alcançada em estudos teóricos e empíricos sobre o problema da autoridade e a sua relação com a família, a serem conduzidos mais tarde. Há, por isso, um foco muito grande na sacralidade destas instituições em si. Mas, em “Estrutura social e caráter”, Horkheimer aponta para aquela que seria uma elaboração teórica chave no programa de pesquisa do Instituto: o vínculo do caráter e das reações psíquicas consolidadas dos sujeitos com a situação material de uma sociedade e, principalmente, a diferenciação segundo seus diferentes grupos sociais e o contexto histórico. Ainda, em “Sobre a caracterologia” e “O caráter”, destaca que o êxito dos sujeitos está relacionado à sua capacidade de adaptação e, mais do que isso, identificação

com os poderes estabelecidos, engendrados na infância por meio da família, voltando-se à psicanálise como ferramenta de compreensão da vida social. Ele esboça, nesse aforismo, uma análise da importância da relação entre história e psicologia, que seria tema de uma conferência de mesmo nome, de 1932.

Vale comentar, por fim, que 21 notas retiradas no momento da edição de *Dämmerung* em 1934 foram preservadas e incluídas no volume XI das obras completas de Horkheimer.<sup>5</sup> Segundo o editor, isso pode ter ocorrido por não estarem completamente maduras, mas não há informações sólidas sobre esse processo de edição, apenas uma menção de que Pollock esteve envolvido nele. Em relação a tais aforismos, vale comentar somente alguns pontos ausentes da coletânea publicada. Em diversas notas, discute-se a oposição entre materialismo e metafísica, tema relacionado ao seu confronto na universidade com teorias como a fenomenologia, a filosofia da vida, etc. Entre elas, destaca-se, em “*Philosophia perennis*”, uma rara referência a Heidegger, acusado de propor um retorno a Aristóteles como se nada houvesse se passado desde então e, em “*Irrationalistische Philosophie*”, uma menção direta ao irracionalismo filosófico em oposição ao Iluminismo. Horkheimer critica, ainda, um novo positivismo e uma mentalidade afirmativa que se desenvolvia nos Estados Unidos (“*Positivismus*”). Em “*Voraussetzungen der Forschung*”, adianta um tema que seria refinado no ensaio sobre o egoísmo 1936/1937: a crítica à filosofia burguesa por pressupor um modelo egoísta de ser humano, contexto de uma crítica a Freud por haver supostamente aderido a este princípio.

Em suma, a proposta de alguns temas e chaves de leitura aqui, longe de ser exaustiva, deixa a leitores e leitoras a via aberta para uma insubstituível primeira aproximação com os aforismos na ordem em que são apresentados e de modo não sistemático. A partir daí, a tradução destas notas, relacionando uma polissemia de temas, pode fornecer uma ferramenta importante para que se debruçam sobre a obra de Horkheimer e estabeleçam o seu potencial, conforme os seus pontos de interesse e perspectivas.

---

<sup>5</sup> Agradeço a John Abromeit por chamar a minha atenção a estes aforismos.

## Referências

ABROMEIT, John. *Max Horkheimer and the foundations of the Frankfurt School*. New York: Cambridge University Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511977039>

FERNANDES, Simone. Horkheimer e a análise da sociedade reificada nos aforismos de Dämmerung. *Em curso*, v. 2, 2015, p. 1-12. DOI: <http://dx.doi.org/10.4322/201511171357>.

HORKHEIMER, Max. Gesammelte Schriften [GS]. In: SCHMIDT, A. und Schmid Noerr, G. (hrsg.). *Frankfurt am Main*: Fischer Taschenbuch Verlag, 1985-.

MIGGIANO, Patrizia. Influenze schopenhaueriane nella Sehnsucht del giovane Horkheimer. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, v. 8, n. 1, p. 84-115. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179378633732>.

Data de registro: 16/04/2024

Data de aceite: 25/09/2024